

## OS IMIGRANTES ITALIANOS NA SERRA DE SÃO MARTINHO

Silvino Santin (\*)

## 1. Os sinos do centenário

O centenário de Imigração Italiana afastou do espectro do esquecimento um movimento imigratório que, a bem da verdade histórica, tornou-se uma das bases do desenvolvimento econômico, político e cultural do estado do Rio Grande do Sul. O movimento imigratório italiano começou no último quarto do século passado, e se estendeu até as primeiras décadas deste século.

A emigração européia, dirigida para o estado do Rio Grande do Sul, foi inaugurada com a vinda dos setenta casais açorianos. Contudo, só adquiriu resultados mais objetivos e contingentes mais significativos a partir do primeiro quarto do século XIX, com a chegada dos alemães, seguidos dos poloneses e, por fim, dos italianos.

As comemorações centenárias da Imigração Italiana, reforçada pelos festejos do sesquicentenário da Imigração Alemã, relançaram os grandes temas dos movimentos imigratórios no Rio Grande do Sul. A participação dos açorianos, dos alemães, dos poloneses e dos italianos na ocupação do solo rio-grandense, sem dúvida, não estava recebendo a merecida atenção tanto por parte dos historiadores, como dos sociólogos, políticos e econo-

---

\* Professor de Antropologia Social no Curso de Mestrado em Extensão Rural da UFSM.

mistas. As datas históricas da chegada de cada grupo, também, não receberam o mesmo destaque e não produziram a mesma repercussão. Os açorianos, parece que se contentaram com alguns dados contidos nos manuais de História do Rio Grande do Sul, tendo como marco referencial central a fundação de Porto Alegre. Os alemães e poloneses celebraram seu centenário de imigração, mas não conseguiram, de um lado, sensibilizar significativamente os órgãos governamentais, e, de outro lado, não lograram despertar em seus descendentes interesses maiores e mais generalizados para o estudo e a pesquisa dos componentes mais profundos e abrangentes que envolveram os fatos de sua imigração.

Coube, sem dúvida, aos promotores das comemorações centenárias da Imigração Italiana, o mérito de engajar as esferas governamentais e desencadear, entre os descendentes, entusiasmo e interesse pelo estudo dos movimentos migratórios, base da ocupação do solo rio-grandense, bem como, etnias decisivas na formação da gente rio-grandense. As solenidades foram não só honradas com a presença do poder público, mas também encampadas e promovidas pelos titulares dos governos estadual e municipais, muitos dos quais descendentes de italianos. Tal entusiasmo entendeu-se aos descendentes dos demais grupos migratórios. Ressurgiu o interesse pela pátria de origem. A pátria tão saudosa e tão cantada pelos imigrantes. Assim, a pátria-mãe tão longínqua e quase esquecida, reaproxima-se e reencontra os descendentes dos filhos que deixou partir. A possibilidade de rever o lugar de origem, de reencontrar parentes lá ficaram, e de reatar laços de amizade, já desaparecidos, fizeram reviver um mundo novo de sentimentos confusos e contraditórios. Confusos e contraditórios porque fazia reacender o desejo de recuperar o passado; mas, com a memória do passado, um passado de lutas e de sofrimentos, brotavam lágrimas, mescladas de alegria, tristeza e saudade. Neste contexto paradoxal e crítico, surgiram, inicialmente, as comemo-

rações festivas. Depois esboçou-se o perfil dos estudiosos e pesquisadores no intuito de buscar as causas, os valores, as situações sociais, políticas, econômicas, religiosas e existenciais que desencadearam as correntes imigratórias. Tais pesquisas levaram necessariamente à descoberta de documentos que revelariam as reais intenções dos promotores das imigrações, tanto da pátria-mãe, quanto da pátria adotiva; mostrariam, ainda, as motivações e as situações dos imigrantes. Dentro desta ótica, talvez, pode-se buscar as razões das diversidades de tratamento dados aos fatos e às datas das imigrações. As razões são, certamente, múltiplas. Os tempos eram outros. Assim mesmo, é possível formular algumas indagações. Será que não seria melhor, para todos, esquecer o passado? A quem interessaria tal esquecimento? Aos promotores e responsáveis pelas imigrações? Eles já não existem. Aos seus atuais representantes, os governos das duas pátrias? Esses, sim, podiam temer pela descoberta das reais intenções dos processos migratórios, pois, como consequência, poderia transparecer uma possível vinculação com práticas e situações migratórias atuais. Aos descendentes dos imigrantes? Para estes, talvez por razões psicológicas, não houvesse motivos para festas, mas, apenas, para amargas lembranças, que o inconsciente se encarregara de esconder. Possivelmente, nem condições, nem ambiente havia para aclarar a verdade histórica de populações sofridas e usadas, cheias de sonhos e desilusões.

Neste contexto, cabe ainda uma indagação. A quem interessa buscar iluminar os fatos da história? Haverá alguma intenção oculta? Sem dúvida, nada se faz pelo simples fato de ser feito. O estudo da história repercute no presente. A luz que ilumina o passado é transformada numa voz que denuncia o presente. As humildes pesquisas, os objetos desgastados, as marcas semi-apagadas, as histórias orais da tradição ampliam-se e assumem nova vida e nova força para desmascarar, denunciar e exigir justiça.

Os dez anos dos ecos dos sinos do centenário mostram que algumas dessas questões começaram ser respondidas pelas pesquisas realizadas sobre a situação histórica da Europa, especialmente sobre os países de origem, à época das grandes emigrações, e, sobretudo, sobre as condições e os motivos como foram organizadas as múltiplas levadas de emigrantes. Podemos, assim, ir descobrindo, aos poucos, que teria sido de melhor, para os responsáveis diretos ou indiretos pelos acontecimentos, que muitas coisas nunca mais fossem lembradas. Tais acontecimentos, em alguns aspectos e segundo estudos feitos, lembram o movimento escravista e, em especial, os navios negreiros. As companhias de navegação eram as mesmas: com isto, o processo de transporte poucas diferenças apresentava. Os historiadores da História do Brasil amargam a destruição dos principais documentos sobre o movimento e a prática escravista do Brasil, devido à preocupação de Rui Barbosa em apagar uma página negra de nossa história. Perdemos uma página negra, mas ganhamos uma negra prática. A repetição desta prática, em relação aos diferentes movimentos imigratórios, poderia ser mais interessante para todos os que pensassem como o então Ministro da Justiça. A queima dos arquivos do DOPS, recentemente, parece repetir o nefasto gesto do passado e parece mostrar que a história, para alguns, precisa ser apagada.

Os descendentes dos imigrantes italianos conseguiram, de alguma maneira, colocar em evidência os acontecimentos que envolveram os movimentos imigratórios em território gaúcho; portanto, não só no que lhes diz respeito, mas às demais populações também. Estudiosos e pesquisadores entraram em campo para colher, sem muita preocupação com projetos e técnicas, tudo quanto fosse possível. O tempo urgia. Era preciso salvar, de qualquer maneira, tudo que estivesse ao alcance das mãos, pois o incêndio podia se alastrar e consumir os derradeiros vestígios. Depois do rescaldo se faria o balanço. Assim foi. E a luz, decorridos já dez anos de buscas, vai aumentando

seu brilho. Os fatos vão sendo costurados. A memória vai se ativando, enquanto arranca do crepúsculo do esquecimento velhas imagens e relíquias eloqüentes. Foi possível, ainda, apanhar os últimos e raros testemunhos vivos do drama histórico vivido. Foram salvas nostálgicas e sonhadoras canções, símbolos da força, da fé e das ambições de homens e mulheres; de velhos, jovens e crianças; de famílias e comunidades inteiras.

O centenário italiano ecoou como um sino por todos os recantos onde houvesse um descendente de imigrantes, mas, em particular, na alma da imigração italiana. O sino! Símbolo tão querido, tão expressivo, tão festivo e tão nostálgico. A igreja ou a capela, o campanário e os sinos constituem a essência de toda a vida e de todo o universo do imigrante italiano em sua nova Pátria. Agora, no centenário, os sinos do campanário, quase esquecidos e obsoletos pelas novas liturgias, ecoavam novamente com a mesma intensidade, com o mesmo orgulho dos velhos tempos; e conclamavam a reviver a identidade do passado. Sim, eles eram mais uma vez a garantia da ressurreição, na lembrança de cada um, dos velhos valores, das grandes causas e das rudes lutas, que haviam trazido os pais, os avós ou bisavós para o meio das montanhas e das florestas. Os sinos renovavam os ideais que mantiveram vivos os pioneiros, vivos pela esperança e pela fé, características próprias de todo aquele que sonha com o futuro. Os sons e os ecos eram a melodia do passado tornando-se presente.

## 2. Os ecos dos sinos

As comemorações centenárias foram festivas. Não poderiam ser de outra maneira. Os discursos entoavam loas aos heróis que desbravaram o mundo hostil da serra e das florestas. As velhas canções foram entoadas com o antigo entusiasmo. As bodegas, à sombra das capelas, reviviam os gritos cadenciados dos jogos da "mora". Os

"brodos" reapareciam, lembrando e animando saudosamente as longas e frias noites aquecidas pelos "fogolaros". As velhas calças de brim riscado, remendadas ao infinito, eram vestidas com garbo e, sem humildade, desfilavam em carro aberto. Vestidos e aventais era retirados dos baús, depósitos de lembranças, para poses e passarelas. Já não eram mais o símbolo da pobreza a que foram condenadas. Hoje se tornavam os símbolos da coragem, do orgulho e da grandeza do trabalho e do trabalhador, construtores de riquezas e de progresso. O dialeto vêneto, tão humilhado, passava a ser tratado com o respeito devido a todas línguas. Não só se torna uma língua de respeito, mas também de cultura e de religião. O dialeto vêneto transformou-se em objeto de estudos gramaticais, antropológicos e sociológicos. Voltou às páginas dos jornais. As cartas e os escritos, amarelecidos pelo tempo, foram recuperados com carinho, impressos e colocados com toda reverência entre os demais livros das bibliotecas das Universidades. O dialeto vêneto viveu o ponto alto de sua grandeza, fora de qualquer dúvida, fato que nenhum imigrante poderia imaginar, quando recebeu a dignidade de se tornar o discurso litúrgico. Talvez, o imigrante, de seu túmulo, tivesse pensado que se tratava de uma blasfêmia, mas não, o seu dialeto, no qual expressara todos os sentimentos, recebera a dignidade de ser também uma língua de oração pública e solene, de pregação evangélica e, até, de celebração da máxima liturgia de sua fé, a missa.

Passados os primeiros momentos de espetáculo e de euforia, os sinos, aos poucos, fizeram ecoar mais profundamente sua sonoridade despertadora. As festividades já não eram tão festivas. As manifestações do palco indicavam para as realidades dos bastidores. Os discursos poéticos e retóricos silenciaram, e outras vozes e outros tons puderam ser ouvidos. O sino acordava de sons mais profundos. Assim, os efeitos extasiantes do primeiro impacto com o encontro do passado quase morto e esqueci-

do foram deixando lugar a lembranças mais duras e do-  
fridas. Os contatos superficiais foram crescendo e mer-  
gulhando cuidadosamente na profundidade dos 100 anos  
transcorridos.

As contribuições e colaborações, por parte dos  
imigrantes, eram a princípio poucas, envergonhadas, des-  
confiadas e até temidas. Lembrar o passado, aquela vida,  
aqueles costumes e aquelas situações! Recuperar objetos  
inúteis jogados no porão ou abandonados ao tempo! Salvar  
das traças e dos ratos os restos de velhas cartas, os an-  
tigos passaportes, papéis rabiscados, recortes de jor-  
nais, que as "nonas"(vovós) ainda mantinham, apenas por  
um sentimento de fidelidade e recordação de seus mortos  
queridos, mas que, tão logo elas morressem, tudo seria  
queimado como coisas sem serventia e valor! Para que tudo  
isto? Seria algum golpe de esperteza? Tudo parecia tão  
estranho e incompreensível. Aos poucos, o valor cultural  
foi compreendido; assim, consciente ou inconscientemente,  
o sentido da tarefa foi assimilado. O esforço comum foi  
juntando as mãos. Cada um sentia que proteger o passado  
era revivê-lo; reviver o passado significava renovar a si  
mesmo e preservar sua própria identidade. Com isto, as  
velhas histórias, que tinham para os netos saber de len-  
das, tornaram-se histórias verdadeiras e dramas reais.  
Elas passaram a despertar, nos mais velhos, o interesse  
pelas lembranças do passado, e, nos mais jovens, curiosi-  
dade para procurar a verdade. A imaginação foi abrindo  
espaço para raciocínios mais rigorosos e trabalhos com-  
parativos. Os conteúdos embolorados dos velhos baús tra-  
ziam à luz as provas necessárias que davam a consistência  
exigida para comparações, reflexões e conclusões. Tudo ia  
se tornando mais claro e tão perto. Parecia ontem. Os  
mais velhos, instigados por perguntas de curiosos e pes-  
quisadores, foram encadeando suas idéias e fornecendo o  
material indispensável para a tecitura da interpretação  
dos acontecimentos. As paisagens, os fatos, os persona-

gens iam adquirindo visibilidade, tomando forma, corpo e vida. Tudo recomeçava a existir e a falar. Cada coisa relembrava uma história. O montículo de pedras lembrava os fundamentos do primeiro forno, onde a bisavó assara o primeiro pão, feito com a farinha de trigo, por eles plantado e colhido. Aquela coluna de carne de Ipê, já carcomida, foi o alicerce da primeira casa, onde os avós nasceram e viveram. Depois, ela se transformou na coluna, onde os namorados das netas do imigrantes amarravam seus cavalos, nas tardes de domingo. A história familiar passava a encontrar seus ossos e sua carne. E cada um sentia-se orgulhoso de ter história. Desta maneira, os trabalhos de pesquisa foram sendo produzidos. No começo, sofridos, despretensiosos e humildes. Assim mesmo, a primeira conclusão tornou-se inquestionável. A imigração não fora um acontecimento festivo e triunfal, mas de lutas e sacrifícios.

Os velhos livros de registros de batismo, casamentos e óbitos constituíram-se, para os pesquisadores, em outra fonte preciosa, não só para completar suas reflexões, mas também para reconstituir genealogias e refazer fatos. As atas das reuniões das comissões de igrejas e capelas forneceram um conjunto de informações básicas, talvez as mais significativas, a respeito da vida dos imigrantes. Com elas é possível detalhar pormenores do que acontecia na comunidade. Com esses recursos, os primeiros trabalhos abriram caminho para estudos mais documentados e publicações mais substanciais, apresentando análises sociológicas, políticas e econômicas. Essas preocupações e interesses concretizaram museus e bibliotecas que surgiram em quase todos os núcleos da imigração e de que se fala com orgulho.

Um dos grandes méritos de todo esse movimento em direção ao passado foi, sem dúvida, o de ter despertado o interesse, em todas as localidades, pela própria história. Isto provocou o desejo de retorno, depois de muitos anos, aos locais de origem, daqueles que, pelas

mais variadas razões, emigraram para outras regiões do estado, ou de outros estados. Isto fez com que fossem conhecidos pequenos núcleos de imigrantes italianos em municípios, onde ficaram completamente isolados. Há porém, neste contexto, um núcleo de relativa importância, constituído pela antiga Colonia de Silveira Martins, na região de Santa Maria, do qual pouco se fala. E quando se fala, usa-se uma linguagem mais tangencial e extensiva, do que uma referência direta e substancial, mais ou menos deste teor: "Também no centro do estado houve um contingente expressivo de imigrantes italianos que se situaram na região de Santa Maria".

Grande parte das obras sobre a imigração italiana estão ligadas, pelas mais justas razões, à região de Caxias, onde se fixou o maior contingente da imigração italiana, e onde os imigrantes apresentaram o maior grau de desenvolvimento. Para o pesquisador da imigração italiana, porém, não interessa apenas os aspectos de maior desenvolvimento ou de maior número de imigrantes, mas também os outros aspectos que mostram características e situações peculiares. Com isto se completa a paisagem do movimento imigratório. Não resta dúvidas de que Caxias representa o parâmetro de avaliação e o termo de comparação da imigração italiana e, a partir dele, tentar-se-á analisar os outros núcleos e grupos de imigrantes.

Mesmo sem levar em consideração qualquer critério adotado para o estudo da presença dos italianos no Rio Grande do Sul, pode-se afirmar, com toda segurança, que o contingente de imigrantes italianos que se fixou, a partir de 1878, na Serra de São Martinho, tendo como núcleo central Silveira Martins, pouca atenção recebeu e, mesmo, foi quase esquecido, desde a chegada dos pioneiros. Tal fato pode ser comprovado pela leitura do diário de Júlio Lorenzoni, que aqui chegou junto com a primeira leva de imigrantes. Alguns anos depois, transferiu-se para a Colônia de Dona Izabel, hoje Bento Gonçalves, onde se tornou uma figura de destaque.(1) As comunicações en-

tre as colônias de Campo dos Bugres, Dona Izabel e Conde D'Eu com a Colônia de Silveira Martins pode-se dizer que inexistiram. O próprio Júlio Lorenzoni registra em seu diário apenas uma volta para sua colônia de origem, e ainda motivada por conflitos políticos que, segundo seu próprio depoimento, o teriam feito fugir apressadamente de Dona Izabel. Passados os motivos, voltou para lá.

### 3. A imigração Esquecida

A Colônia de Silveira Martins acolheu um contingente significativo de imigrantes italianos, que tinham tudo para se desenvolver e apresentar um nível de desenvolvimento paritário às outras colônias co-irmãs. Por razões ainda não bem esclarecidas, isto não aconteceu e acabou sendo a "prima pobre", na expressão do Padre Luiz Sponchiado, das Colônias. Os sinos do campanário fizeram reviver a italianidade no sangue e na voz das novas gerações, e conseguiram, com seus ecos, alcançar regiões mais remotas, esquecidas ou mais adormecidas. As comemorações do centenário trouxeram, para os descendentes dos imigrantes italianos da antiga colônia de Silveira Martins, muitas lembranças e muito estímulo. As comemorações continuaram se repetindo. O fato mais importante de tudo isto foi, sem dúvida, a construção do monumento ao imigrante e sua inauguração, oficiada pelo Cardeal de Veneza, depois Papa João Paulo I.

Dentro do contexto comemorativo, deve-se salientar alguns trabalhos de importância decisiva para o estudo de todo movimento imigratório desta região, seja quanto aos motivos da fixação, do grau de desenvolvimento ou de sua situação, seja quanto aos aspectos religiosos, culturais e sociais.

Inicialmente, pelo seu valor, é preciso destacar o trabalho do Padre Luiz Sponchiado, atual pároco de Nova Palma. Organizou, nas horas de folga que o ministério lhe proporciona, um monumental e complexo fichário

genealógico de quase todas as famílias da região. O trabalho não está parado; pelo contrário, com crescente empenho, ele continua ampliando e atualizando as fichas. Junto com o fichário, o Padre Luizinho, como também é conhecido, inaugurou, por ocasião dos festejos do centenário da fundação de Nova Palma, um museo e uma biblioteca de imigração. Tudo isso é o resultado de mais de 30 anos de dedicação para salvar da destruição as relíquias que conservam a memória dos imigrantes italianos. As comemorações do centenário da fundação de Nova Palma encontraram em seu pároco a figura central de tudo o que se planejou. Ele conseguiu fazer desfilar nas ruas toda história de Nova Palma. É preciso ainda acentuar que todo o material organizado pelo Padre Luiz oferece excelentes fontes genealógicas e históricas para o mais exigente pesquisador.

Ao lado do trabalho mais histórico e científico do Padre Sponchiado, encontramos um outro trabalho, com características bem diversas, é verdade, mas não menos significativo, desenvolvido pelo Padre Clementino Marcuzzo, em Vale Vêneto. O Padre Clementino não está tanto preocupado em reviver o passado; ele comemora o passado, mas procura perspectivas que conduzem para frente, que haja uma retomada de nova vitalidade. Por isso, não é exagero dizer que ele salvou Vale Vêneto do desaparecimento total. Vale Vêneto foi o segundo núcleo, depois da sede Silveira Martins. Desde o início rivalizou com a Sede. Teve chances de sobrepujá-la quando se tornou a sede e o berço brasileiro da ordem dos Palotinos, à qual o Padre Clementino pertence.

Hoje, Vale Vêneto representa o grito vivo e o coração palpitante da presença italiana de toda a região. As sucessivas promoções atraem constantemente levadas de descendentes italianos que migraram para todo o estado e fora do estado. A Festa do Corpo de Deus tornou-se o palco renovado das tradições litúrgicas e culturais da catholicidade italiana. As liturgias e os cantos latinos e

dialetais misturam-se com os tiros de morteiros e a banda musical. Vale Vêneto, com seu museu, com suas belezas naturais e com a bravura do Padre Marcuzzo e de seus moradores, apresenta todas as condições para tornar-se um centro turístico, capaz de oferecer excelente atrativos aos mais exigentes visitantes.

Não se pode esquecer um trabalho humilde e quase anônimo do Sr. Antonio Isaias. Ele é um profundo conhecedor das imigrações no Rio Grande do Sul, não só da imigração, quando se quer lembrar acontecimentos da história imigratória de Santa Maria. Ele é um estudioso, um divulgador e uma fonte de pesquisa.

A literatura sobre a Colonia de Silveira Martins começa a publicação do diário de Júlio Lorenzoni, sob o título: "Memórias de um imigrante italiano". Não se trata de ser a primeira cronologicamente, mas a mais importante. "Memórias de um Imigrante Italiano" representa, sem dúvida, o documento histórico fundamental dos imigrantes italianos que chegaram ao Barracão de Val de Buia, ponto de chegada, local de espera e de distribuição dos lotes. Júlio Lorenzoni, na primeira parte de seu diário, registra não só seu pensamento, desde os preparativos e a partida para a América, mas também descreve, momento por momento, a sua experiência que começa com as lágrimas da despedida, a longa espera em Gênova, os aspectos pitorescos e os imprevistos da tumultuada viagem. Tudo isto mostra a semelhança de situações vividas por todas as levas de imigrantes. O ponto alto do diário é a descrição dos primeiros anos da vida da colonia de Silveira Martins.

Nenhum trabalho, que abrangesse a Colonia em sua globalidade, foi escrito e publicado. Encontramos, porém vários trabalhos monográficos. Essas monografias foram escritas com objetivos muito particulares, sem a preocupação de traduzir um sentido histórico mais abrangente. Entre essas monografias, podemos destacar quatro que oferecem bom material de pesquisa, pelo registro de

fatos e pessoas. "A história de nossa gente" é, sem dúvida, a que apresenta maior número de informações. Este trabalho foi publicado em 1951, mas já vinha sendo trabalhado há muito tempo, segundo confessa o autor, que acabou publicando sem conseguir completar a pesquisa, pelo menos quanto às genealogias. O autor, Padre Pio Busanelo, narra a história dos seus familiares e apresenta sua genealogia. Tudo começa com a decisão do velho Matheus de emigrar para o Brasil com todo seu clã. A descrição da viagem é uma cópia xerox de todas as demais. A figura patriarcal do velho Matheus domina todo o cenário, desde a partida até a chegada em Vale Vêneto, onde são esperados pela família de Paulo Bortuluzzi, outro patriarca e pioneiro da fundação deste núcleo que, naquela época, já contava com seis anos de existência. A principal contribuição de "A história de nossa gente" consiste na descrição dos métodos e dos vários momentos do processo de recrutamento de voluntários a emigrar, desenvolvidos pelos agentes organizadores da emigração. É notável a decisiva participação de Piovan, o padre local, na tomada das decisões.(2)

A Paróquia de Nova Palma festeja sua data jubilar com o trabalho "Jubileu de Nova Pama". É um trabalho atropelado pelo tempo. Tem como principal objetivo apresentar a atividade pastoral e ressaltar o grande espírito religioso dos imigrantes. Parece que o autor ou autores estavam preocupados em apresentar Nova Palma como um celeiro de vocações religiosas. Para o pesquisador, o trabalho oferece informações de inestimável valor sociológico.(3)

As outras duas monografias são bem mais circunscritas e localizadas. "Dona Francisca, sua terra, sua gente" concentra sua atenção em relatar o número e nome das famílias pioneiras. Sua contribuição mais significativa está na narração detalhada dos preparativos e da heróica resistência dos moradores contra um grupo de bandoleiros. Havia na região um grupo de bandoleiros; os mo-

radores, alarmados, organizaram-se e armaram-se da melhor maneira a seu alcance. Os invasores chegaram confiantes, mas encontraram uma resistência feroz, que lhes impôs uma derrota total, tendo os sobreviventes batido em retirada para nunca mais voltar.(4) Faxinal do Soturno também mereceu um trabalho de Olívo Cesca. Não há no trabalho novidades informativas sobre a imigração em geral. Os dados históricos do município de Faxinal do Soturno, aqui está o valor, fornecem elementos para análises e estudos comparativos do desenvolvimento e situação atual da imigração italiana.(5)

A literatura sobre a Colônia de Silveira Martins amplia-se através de pequenas publicações, como a do cinquentenário da fundação do seminário palotino em Valvêneto, e outros artigos esparsos publicados em diferentes órgãos da imprensa ou em revistas especializadas. Entre essas publicações devemos destacar um número especial do jornal A Razão de Santa Maria, editado em 1975, por ocasião das comemorações do centenário da imigração italiana no Rio Grande do Sul. Seu conteúdo foi um tanto submergido pelo aspecto publicitário; assim mesmo não se pode minimizar o valor de alguns textos, como o do historiador Guilhermino César, e de alguns bons comentários de excelentes fotografias a cargo de Alceno Ferri e Gaspar Miotto.(6)

Considerados todos esses trabalhos, conclui-se que a imigração italiana, no Rio Grande do Sul, não pode ser tratada de uma maneira genérica e homogênea. Sabemos que a imigração italiana, no Brasil, processou-se de maneira diferente e com objetivos diversos. O imigrante italiano criou, no Rio Grande do Sul, uma paisagem própria, mas é um risco considerá-la homogênea. Um comentário, publicado no número especial do Jornal A Razão, sobre as quatro colônias implantadas no nosso estado, diz que a Colônia de Santa Maria da Boca do Monte, posteriormente chamada de "colônia de Silveira Martins", ficou sozinha e isolada. Tal circunstância, com o correr do

tempo e pelo que se pode observar hoje, acarretou sérias conseqüências, gerando situações e características que a diferenciaram das suas outras três co-irmãs da região de Caxias.

#### 4. Os difíceis caminhos

Os caminhos dos imigrantes italianos, na sua maioria, começaram nas vertentes da pobreza, da insegurança no futuro, do trabalho penosos e pouco lucrativo e, às vezes, da fome e da penúria. Nesta escola formados, construíram a coragem de abandonar a pátria e caminhar resolutos em direção a um futuro promissor, mas incerto. Esta situação formava o panorama de quase todo o imigrante italiano. O grupo que chegou ao Barracão de Val de Buia não escapou à regra. Eles eram das mesmas regiões dos que se dirigiam para o Campo dos Bugres, Dona Izabel ou Conde D'Eu. Aqui, contudo, parece que a história revela aspectos estranhos desde sua origem.

Durante o tempo de preparação, notícias controvertidas sobre a América quase fizeram fracassar a arregimentação dos voluntários. Em Gênova, tiveram de esperar longos meses. Alguns auguraram cômodos. A maioria esgotou suas reservas econômicas. Muitos procuraram trabalho para sobreviver. Sérias dificuldades passaram em Santa Catarina; seu destino final era Morretes. Notícias alarmantes de peste aumentaram a ansiedade.

A viagem de barco até Rio Pardo é tranquila e até encantadora. O vale do Jacuí já era habitado pelos alemães e apresentava muitas novidades para todos. O último trecho da longa viagem parece recuperar todas as agruras do começo. A primeira parte é feita em carroções de bois: a segunda parte, e última, é feita a pé; cada um carregava como podia seus pertences. No percurso, rio ao barracão de Val de Buia, narra Antônio Isaias em suas palestras, os italianos encontram os remanescentes poloneses que haviam abandonado Val de Buia, dizimados pela

doença. Não havia opção. Uma só coisa podiam fazer; seguir adiante. Os caminhos eram difíceis, quase inesistentes. O desespero quase os abate. Uns rezam, outros blasfemam. Mas todos chegam. Era o dia 17 de abril de 1878. O Barracão era pequeno. Todos se acomodam. Os lotes não haviam sido demarcados. Nova espera. Os alimentos escasseiam. Chegam novas levas de imigrantes. A construção de outro barracão não resolve o problema. Alguns começam construir barracos da maneira que a criatividade os inspira. A temível peste os surpreende. Morrem quatrocentas pessoas. Só a família Bortoluzi perde dezesseis familiares. Em junho de 1878, enfim, sobem a serra, onde traçam e fundam a sede da nova colônia. Seu nome-Silveira Martins. Começava assim brilhar o sol de dias melhores. A partir daí, a colônia passou a prosperar. As plantações surgem rapidamente. Mais imigrantes vão chegando. Quatro anos depois da fundação, já perfazem um total de oito mil pessoas, o que representa uma população maior que Santa Maria. A cidade que vai exercer grande influência sobre os destinos da imigração, mas, em nenhum momento, deu atenção à chegada dos imigrantes. O primeiro contato entre os recém-chegados e a cidade aconteceu através do Padre Bitencourt, que exercia atividades pastorais e residia em Santa Maria. Ele celebrou a primeira missa para os imigrantes, deu atendimento religioso e batizou a primeira criança aí nascida.

Uma vez instalada a sede, os trabalhos de demarcação continuaram e os imigrantes foram avançando. Novos núcleos surgiram, tornando-se pontos importantes no processo de ocupação e de desenvolvimento de toda região. Infelizmente, hoje observamos que apenas dois destes núcleos conseguiram alcançar sua autonomia como municípios. Outros, que se mostraram tão promissores nos primeiros decênios, acabaram sofrendo uma fase de estagnação, entrando posteriormente num estado de decadência.

Tudo isto que foi lembrado fez com que os festejos do centenário da imigração para os descendentes

dos imigrantes da Colônia de Silveira Martins não fossem tão festivos. A data centenária trazia à lembrança, mais que um evento triunfal, uma idéia de batalha, vencida sim, mas com muitas perdas preciosas. Os vitoriosos, apesar de felizes, precisavam sarar os feridos, chorar e enterrar seus mortos. As lágrimas eram de alegria, mas tinham o saber da tristeza. Os sorrisos eram largos e sinceros, mas escondiam as sombras da saudade e da nostalgia. As canções, as velhas canções, ecoavam sonoras e vibrantes, mas guardavam o silêncio de tantos que tombaram ao longo dos difíceis caminhos.

#### 5. Os sonhos da aventura

A caminhada em direção ao novo mundo começou sob os signos da dúvida e da incerteza. Apesar dos anúncios e atrativos publicitários dos organizadores, à frente de cada um desenhava-se o risco do desconhecido e da aventura. O rigor da situação vivida na Itália, sem perspectivas, trabalhando para sobreviver e saldar dívidas, em que, segundo Pio Busanello, a palavra carestia era a mais pronunciada entre o povo, foi o maior aliado dos promotores da emigração. Assim, mesmo sob a sombra da incerteza e da aventura, medraram os sonhos de esperanças, acendeu-se a fé e surgiram os projetos de dias melhores.

Um contexto paradoxal envolve aqueles que começaram decidir-se a partir. As pessoas vivem incertezas descrenças totais com o presente e crenças plenas no futuro. Esse ambiente vivido durante todo o tempo dos preparos. Esse ambiente vivido durante todo o tempo dos preparativos foi muito bem registrado pelo poeta popular e anônimo, na canção intitulada "La Mérica". É no estribilho que se concentra toda força angustiante daquele que decide partir para sempre, sem saber exatamente o que o esperava. O primeiro verso repete três vezes a palavra Mérica. É o grito angustiante de quem balança duvidosamente a cabeça. É a súplica insistente de quem quer ver

no escuro, de quem quer decifrar o futuro, de quem espera uma prova para se convencer. Este grito suplicante transforma-se, no segundo verso, em pergunta. Uma pergunta dirigida mais a si mesmo do que a alguém. "Cossa sarà la sta Mérica". É a continuidade do grito suplicante lançado ao infinito. É a incerteza transformada em desejo de saber, de assegurar-se, de definir o desconhecido. Uma pergunta que parece já saber que o único capaz de respondê-la é o próprio autor da pergunta. E a resposta brota firme, clara: "un massolino de fieri". Sim, a América, esse desconhecido, será um ramalhete de flores. A primeira vista, a resposta é tranquilizadora e clara. Pela frente está o futuro florido. Portanto, alegria, sucesso e festa. Mas, como toda arte poética, essa simples canção poderá revestir-se de ambiguidade. Ela aparenta a segurança e a certeza, mas pode manter, ao mesmo tempo, toda carga de dúvida e de insegurança. A simbologia das flores é profundamente polivalente; ela se estende no imenso espaço que vai do nascimento à morte, do sorriso à lágrima. O poeta popular, consciente ou inconscientemente, traduziu, com muita riqueza simbólica, a profunda ambiguidade que dominava os momentos da grande decisão.

A coragem da decisão não nasce da antevisão do que será o amanhã, mas da ambição que cada qual guardava em si, no meio mais profundo sigilo de sua consciência. A ambição era comum, individual, era a intensidade do desejo. Cada um seria proprietário. Ser proprietário, essa era a ambição. A ambição que gerou a coragem de decidir e partir. Na mente de cada um, a idéia de propriedade desfilava com todas as letras maiúsculas. Ele seria dono de suas terras, de sua produção, de seus negócios. E, acima de tudo, ele seria o dono de seu nariz. Aqui estava o móvel fundamental, a fonte inexgotável de energia que fez o imigrante superar todos os obstáculos. Os próprios promotores e divulgadores da emigração tinham consciência desta ambição, quase obsessiva, do italiano; por isto, ela servia de "isca para atrair os imigrantes", como diz

Maria T. Potrone. Novamente os poetas populares cristalizaram essa ambição proprietária da tradição cultural dos imigrantes italianos nestes versos:

Nel Brasile non vi sono padrone  
Ognune qui é padrone de sé  
In sua casa il colono commanda  
E si estima ugualmente um ré."(7)

A ambição da propriedade fundava-se na idéia de que ela seria a única condição para melhorar de vida. Deste modo, a ambição da propriedade era reforçada pelo desejo de sustento da família, do bem estar e da fartura. O que podia, em muitos casos, estender-se até os sonhos de construir grandes fortunas.

O desejo de ser proprietário, com o surgimento da emigração, foi cedendo lugar à possibilidade visível de realizar-se. Nem sempre foi fácil concretizá-lo, não tanto pela falta de terras, mas pela dificuldade de fazer a longa caminhada e chegar. No meio desta longa e desesperante caminhada, quando tudo parece perdido, surge uma outra fonte de energia que estava adormecida, a religiosidade. Diante da imensidão das dificuldades para realizar os sonhos já acreditados, e diante da impossibilidade de voltar atrás, a crença em Deus e nas forças espirituais foram o único refúgio encontrado. Naquelas alturas só Deus poderia, segundo eles, sustentar a coragem e a esperança de dias melhores. Essa energia religiosa é, em geral, creditada à fé católica; contudo, embora grande parcela a ela seja devida, não se pode esquecer todo o universo supersticioso do italiano, o que pode ser comprovado pelos hábitos e crenças dos imigrantes. Os Padres Palotinos compraram uma casa em Vale Vêneto, por um preço irrisório, porque estava assombrada.(8) De qualquer maneira, a religião católica e a religiosidade constituíram-se no último recurso de garantia, nos momentos de solidão e de abandono, a que os imigrantes apelaram para não perder a esperança em seu futuro.

Quando chegados ao local final, os imigrantes

italianos sentiram com maior intensidade a solidão, e o abandono; foi aí que a fé no transcendente se acentuou. Os capitéis, as capelas e as igrejas são a exteriorização desta religiosidade. Por isso, podemos explicar, em parte, porque os imigrantes construíram mais monumentos de fé, do que escolas; procuraram com mais interesse sacerdotes, do que professores; confiaram mais na oração e bençãos, do que nas ciências; esperaram mais de Deus do que dos homens. A igreja e o sino eram a lembrança de que Deus estivera e está presente em tudo. Os capitéis, pontilhando as estradas, eram os marcos da presença e da proteção concretas do Senhor, Deus dos desvalidos. Parecia que tudo se resolveria entre eles e Deus.

#### 6. Os prêmios do esforço

A Serra de São Martinho, aos poucos, ia sendo dominada pelo trabalho do imigrante. A triste lembrança de tantas lutas e percalços ia lentamente perdendo-se no passado. Silveira Martins e os vários núcleos com suas propriedades eram a realidade palpável. Os sonhos da aventura estavam tornando-se visíveis. Pelos vales e encostas ecoavam os golpes firmes e raivosos dos machados. As árvores tombavam amedrontadas pelos gritos e, as vezes, blasfêmias. O sossego milenar da natureza acabara. A floresta, plantaçãõ paciente e milenar do tempo, cedia lugar a outra natureza, verdejante e frutífera. Os pequenos ranchos, se não eram palácios, eram acolhedores e afetivos. Eles, junto com o lote de terras, simbolizavam a concretude da ambição de propriedade. O tempo e o trabalho se encarregariam de dar-lhes um visual de fartura e nobreza. As mesas toscas tornavam-se fartas. A população aumentava, trabalhava, rezava e cantava. Novos núcleos não paravam de surgir. Todos com a esperança de crescer e sobrepujar os demais. Os caminhos, embora precários, avançavam em todas as direções. A expansão faz-se rapidamente. Os seis mil lotes distribuídos não satisfazem a

demanda. Os próprios imigrantes passam a ofenciva e vão comprar terras dos fazendeiros, nos limites dos municípios de Vila Rica (Júlio de Castilhos) e Cruz Alta.

A garantia do progresso parece assegurada definitivamente, quando a ordem dos Padres Palotinos decide fixar-se definitivamente na Colônia. Para o imigrante, estava, com isto, assegurado o sucesso. A consolidação do projeto não teria recuo. Vale Vêneto, graças ao esforço de Paulo Bortoluzzi, seu fundador, é o lugar escolhido para ser a sede. O que faz de Vale Vêneto o centro religioso da Colônia e, também, o centro cultural e educativo, até a metade deste século. Com a criação do Seminário e do Colégio das irmãs franciscanas, não só se formavam os candidatos para a vida sacerdotal e religiosa, mas se ofereciam ensino e educação a todos. Através de seus internatos, Vale Vêneto conseguiu atrair grande parte da juventude da região, filhos das famílias mais abastadas. Deste modo, a vila, com uma população urbana de pouco mais de 500 habitantes, reunia, durante o ano letivo, uma população estudantil de quase dois mil alunos.

A presença efetiva e ativa da ordem dos Palotinos proporcionou um incentivo dos valores e vida religiosa. As pequenas capelas foram transformadas em igrejas e santuários de apurada arquitetura e de grande acorência popular. O calendário religioso e litúrgico era executado com grande brilhantismo. Não faltavam os corais e as bandas para acompanhar as festividades, que em nada ficavam devendo às celebrações solenes da velha Itália.

Os núcleos que foram se estendendo a partir da sede, desde a várzea do Vacacaí até as cabeceiras do rio Soturno, tanto à margem direita como à esquerda, iam adquirindo ares de pequenos centros urbanos. Ao lado da igreja eram instaladas vendas, que se tornaram centros comerciais de compras de produtos coloniais e vendas de mercadorias provenientes da capital. Em geral, o dono da venda tornava-se também agente bancário. Com isto, a vida

de cada núcleo oferecia, praticamente, todos os recursos para o crescimento e o progresso. Apesar dos preços baixos pagos pela produção agrícola, somas consideráveis em dinheiro iam entrando, o que pode ser comprovado pela rapidez com que eram angariadas razoáveis quantias pelas campanhas em prol da construção da igreja, da importação de sinos e de imagens sacras. Uma bela igreja era símbolo de orgulho, de progresso e de supremacia. Tal situação era a condição que propiciava ascender, na hierarquia religiosa, de capela à paróquia, posição que representava, para os imigrantes, o passo fundamental para o crescimento da vila. A presença constante do padre implicava na constância dos atos de culto, responsáveis pela afluência de fiéis em grande número, especialmente aos domingos e dias festivos. Assim, o local tornava-se um ponto próprio para se instalar qualquer estabelecimento comercial ou industrial. Por isto, as disputas para sediar a paróquia nem sempre foram pacíficas. O primeiro conflito deu-se logo no começo: Silveira Martins e Vale Vêneto queriam a primeira paróquia; a primeira, porque era a sede da Colônia; a segunda, porque tivera a iniciativa de trazer os sacerdotes. O conflito só foi superado quando da chegada dos Padres Palotinos. Outro fato que mostra a importância do "status" paroquial é o que acontece entre Nova Palma e Linha 7, hoje Vila Cruz. Por volta de 1890, as duas localidades apresentavam o mesmo nível de desenvolvimento e ambas aspiravam à sede paroquial. Nova Palma venceu a parada, hoje é município. Vila Cruz ostenta uma bela e vazia casa canônica, além de amargar uma estagnação em seu crescimento que remonta ao início do século.

Ferrarias, funilarias, marcenarias e moinhos completavam a fisionomia daquilo que se poderia chamar de maior grau de desenvolvimento dos núcleos urbanos. No fundo, era o que se constituía na exigência primeira do imigrante; com isto ele tinha atendidas as necessidades imediatas. A saúde, artigo que mesmo na Itália era bem solucionado, era o próximo apelo de todos. Ter uma far-

mácia e pequena casa de saúde, mesmo que caricaturada, representava garantia de sobrepujar os demais núcleos. Não importava que os doutores fossem práticos; eles sempre faziam o máximo esforço para resolver todos os casos, pois, na sua maioria, eram pessoas dotadas de grande espírito humanitário e sem avidez pecuniária, embora de relativa capacidade profissional. O ensino parece não ser uma preocupação da maioria. Em geral, o pensamento corrente era de que se poderia viver bem sem precisar de escola.

O bom desempenho dos imigrantes na área econômica pode ser avaliado também pela observação dos amplos e bonitos sobrados construídos, tanto na vila, quanto na zona rural. Alguns apresentam excelente valor arquitetônico. Ainda hoje encontramos muitos deles, alguns em bom estado de conservação, outros transformados em galpões e depósitos.

Os imigrantes italianos não trouxeram para sua nova pátria apenas ambições econômicas e crenças religiosas; idéias políticas faziam também parte de sua bagagem de viagem. Os imigrantes da Colônia de Silveira Martins, já na primeira década de sua vida, sentiam-se orgulhosos de seus feitos e de sua força. O lastro econômico, estabelecido nos primeiros anos de trabalhos e fadigas, fora suficiente para deixar emergir outros e outras idéias. O sonho da fartura e do sucesso econômico pareciam assegurados; chegara a hora de ideais mais arrojados e grandiosos. Era o sonho de uma "Citta Nuova". Talvez de uma nova Itália para os italianos do lado de cá do Atlântico. Os carbonários foram, sem dúvida, os maiores responsáveis para que este sonho fosse acalentado, crescesse e se difundisse. Estava inspirado nos princípios de "l'italianità" (a italianidade), idéia que foi acalentada e teve maior consistência nas outras colônias da imigração italiana. Esse sonho durou pouco na Colônia de Silveira Martins. Mal havia nascido e começado a tomar corpo, sofreu um duro e mortal golpe com o decreto do Imperador, de

1886, dividindo o território da Colônia. A perda do ideal de italianidade, ou da "Cittá Nuova", segundo Antônio Isaías, teria sido a primeira a fundamental causa que arrefecia o entusiasmo dos imigrantes, tendo conseqüências fatais para o seu desenvolvimento.

Apesar desta divisão, responsável pela perda do sonho da "Cittá Nuova", os imigrantes continuaram crescendo economicamente. A agricultura atinge excelentes níveis de produção e de diversificação, nos mesmos moldes das demais colônias. As necessidades agrícolas obrigam o surgimento de pequenas indústrias para a produção de instrumentos básicos. Mas elas não se limitaram a produzir machados, serrotes, foices e enxadas; foram bem mais longe. Assim, Faxinal do Soturno ostenta em sua história a primeira e a mais bem aparelhada trilhadeira, produzida no Brasil. Foi premiada em várias exposições, inclusive em São Paulo. Foi exportada para diversos países da América Latina. Silveira Martins montou uma excelente rede hoteleira, que atraiu muitos turistas da capital, antes que o portoalegrense descobrisse as praias. Arroio Grande possuía fortes casas comerciais de varejo e atacado, indústrias de implementos agrícolas, chegaram a fabricar um modelo de trilhadeiras. Além disso, várias fábricas no setor de cutelaria. Até a metade deste século, a colônia não deixou de crescer, mas, depois dos anos cincoenta, aparecem os sinais do declínio.

## 7. O silêncio dos Sinos

Os primeiros momentos da Colônia de Silveira Martins não diferem, em suas linhas gerais, das demais colônias da imigração italiana em terras gaúchas. A mesma gente, os mesmos ideais, a mesma coragem, a mesma fé, a mesma ambição de construir um futuro de fartura, que fundaram as três colônias da região de Caxias, também povoaram e animaram a solitária Silveira Martins. Com o passar dos primeiros anos, já surgem diferenças quanto ao

tratamento, dado às colônias, por parte das autoridades, sejam brasileiras ou italianas, através de seus emissários.

O primeiro fato acontece com o governo brasileiro. O Imperador discriminou a Colônia de Silveira Martins: enquanto as colônias de Conde d'Eu, Dona Isabel e Campo dos Bugres iam sucessivamente pleiteando e alcançando sua autonomia, a Colônia de Silveira Martins via seu território dividido e anexado a três jurisdições municipais distintas, através de um decreto promulgado no ano de 1886. Os municípios aquinhoados com aumento de sua área foram Cachoeira do Sul, Santa Maria e Vila Rica, hoje Júlio de Castilhos. A unidade estava rompida, o que constituía uma grande barreira para promover qualquer movimento de reivindicação conjunta. Sem dúvida, esse foi um fato que pesou de maneira decisiva e nefasta no desenvolvimento da Colônia.

As causas desta divisão não foram suficientemente esclarecidas. Antonio Isaias, em suas palestras, aponta duas. A primeira consistiria no temor do governo imperial de que a idéia da "Citta Nuova" pudesse se concretizar e provocar um movimento separatista. A divisão seria a melhor maneira para acabar, uma vez por todas, com qualquer ambição de separação política. A segunda é atribuída à inveja que Santa Maria alimentaria em relação à Colônia. O crescimento desta poderia rebaixar a importância e o desenvolvimento do antigo acampamento militar, origem da cidade de Santa Maria. Motivos poderia haver já que se sabe que, na última década do século, a colônia já superava em número de habitantes. A primeira explicação parece-nos pouco consistente, pois, se havia temor por parte do Imperador, muito maior deveria ser em relação às outras três colônias. Lá, as condições para realizar os ideais de uma "Cittá Nuova" seriam muito mais favoráveis. A segunda alternativa parece ser mais aceitável, por dois fatos acontecidos. O primeiro é o total descaso que a cidade de Santa Maria dis-

pensou aos recém-chegados. É verdade que Santa Maria fora guindada aos foros de cidade no ano de 1871, dois anos antes da chegada da imigração. Assim mesmo, ela possuía recursos razoáveis para prestar alguma atenção e oferecer algum préstimo. A bem da verdade, deve-se registrar que o primeiro atendimento religioso ao imigrante foi feito por um sacerdote da cidade. Além dos serviços religiosos, nenhum outro atendimento está registrado, que tenha sido oferecido e executado pelos poderes municipais. O segundo fato diz respeito ao crescimento econômico e populacional da Colônia. Poderia realmente assustar os conservadores fazendeiros de Santa Maria.

Se foram exatamente essas as razões que motivaram a promulgação do decreto imperial, ele não poderia ter alcançado sucesso maior. Já no final do século, é perceptível um certo interesse para emigrar para outras regiões. Ainda na década de 20, a população, segundo Antônio Isaias, estaria reduzida a quatro mil habitantes, o que representava a metade da população alcançado pela Colônia em 1882/4.

Numa análise um tanto sucinta, e tomando por base de referência o Centenário da fundação de Silveira Martins, podemos perceber uma série de transformações e um processo de desenvolvimento que atingiu um patamar de bom desempenho, nos setores industrial, agrícola e comercial, até a década de cinquenta. É verdade, desde o decreto imperial, aconteceram sucessivamente vários abalos, embora não seja fácil medir-lhes a intensidade, responsáveis, direta ou indiretamente, pelas repercussões que afetaram os rumos do progresso da Colônia. Tais abalos aconteceram, praticamente, em todos os setores da vida da Colônia. Tais acontecimentos não foram simultâneos. Também não se pode dizer que tenham uma interligação causal. O que se pode afirmar com segurança é que eles foram responsáveis pela condução e definição dos destinos

da imigração em seu conjunto.

Vamos analisar alguns destes acontecimentos, tentando apontar alguns elementos suficientes para compreender a, se possível, buscar uma explicação da situação atual encontrada na ex-colônia de Silveira Martins. Partimos do princípio de que a Colônia começou bem, acompanhou com igual desenvoltura o desenvolvimento das demais colônias, mas, ao chegar no meio do século, apresenta um sensível recuo e estagnação.

#### 7.1. Terras novas

A imagem do italiano imigrado é identificada invariavelmente pelos traços de um homem trabalhador, afeito a iniciativas corajosas e capaz de enfrentar situações adversas. Ele é apresentado como um agricultor habituado a trabalhos rudes e extremamente penosos. O imigrante oriundo dos contrafortes alpinos aparece, nas velhas histórias dos bisavós, como alguém que chegou a carregar cestos de terra para colocá-la entre as pedras, a fim de poder plantar e daí tirar o sustento para si e sua família. História ou lenda, não importa, isto criou uma tradição de respeito e de admiração para com os pioneiros. Esta dificuldade de acesso à terra justifica, pelo menos em parte, a fácil adaptação do imigrante às atividades agrícolas nos terrenos acidentados. A tecnologia trazida, embora rudimentar e caseira, foi suficiente para que ele fosse capaz de plantar e colher fartas colheitas.

Esse comportamento em relação à terra mudou rapidamente. Passados os primeiros anos de euforia pelo fato de plantar na própria terra, ainda que abrupta, surgiram as possibilidades de terras mais adequadas às atividades agrícolas. Não tardaram as ofertas de terras mais planas e mais férteis, em novas frentes de colonização. Essas novas colonizações eram executadas através da mi-

gração interna, aproveitando o crescimento demográfico dos imigrantes e, em especial, o desejo de procurar maiores extensões e melhores terras. Já havendo incorporado a experiência da primeira grande aventura em busca de fartura e fortuna, não custava correr um novo desafio para garantir o pleno sucesso de seus sonhos. Foi assim que muitos colonos da Colônia de Silveira Martins se incorporaram às novas correntes migratórias, especialmente às que destinavam a colonizar os vales do rio Ijuí e do Uruguai. Mas a grande evasão vai acontecer quando surgem as fabulosas ofertas de terras no Paraná. Houve uma forte publicidade em todo o estado buscando atrair descendentes de imigrantes italianos e alemães. Aqui a iniciativa mereceu todo apoio e incentivo dos padres palotinos, que trabalhavam na região. A cidade paranaense de Palotina representa o marco e o centro desta dupla participao, a dos agricultores e a dos palotinos. Outras áreas, que se tornaram atrativas para os descendentes dos imigrantes, situam-se na região da campanha, no sudeste do estado. As vastas várzeas dos rios Sta. Maria, Vacacaí e Ibibu transformaram-se em grandes plantaoes de arroz, graças  iniciativa dos migrantes saídos da antiga colônia de Silveira Martins.

Esses movimentos migratorios reduziram em mais de cinquenta por cento a populao rural ocupada pelos imigrantes italianos. A causa não pode ser apenas atribuída  oferta de melhores terras. Há um elemento que influenciou muito na hora de tomar a decisão, constituído pela introduo de novas técnicas no setor agrícola. Em primeiro lugar, está a utilizao de corretivos do solo, o que proporcionou a recuperao das áreas de campo, consideradas inadequadas, até então, para a lavoura. Em segundo lugar vem a inveno de um mquinrio moderno aplicado  agricultura, que se apresentava inadequado para o uso em terrenos acidentados. O agricultor não esperou mui-

to para concluir que, se quisesse progredir e acompanhar a evolução tecnológica, precisaria abandonar suas pirâmbeiras e sair em busca de terras mais adequadas. As decisões não se fizeram esperar. Com isto, as velhas encostas da serra de São Martinho deixavam de apresentar o multicolorido das grandes roçadas de milho e trigo, bem como, diante dos que partiam, nascia um sentimento de saudade e nostalgia.

## 7.2. O Decreto Imperial

A divisão do território, ocupado pelos imigrantes, em três partes sob diferentes jurisdições municipais, deixou a colônia acéfala. Por mais que se queira minimizar a importância do decreto imperial, ele acabou provocando uma desintegração do espírito gregário. Não havia mais um ponto de referência comum. A bem da verdade, ainda não se havia formado uma certa organicidade; muitos imigrantes vinham chegando, outros estavam se acomodando, poucos estavam numa fase de senhores da situação.

Apesar da divisão ter provocado toda esta série de consequências desastrosas, teria havido um caminho de superação através do surgimento de um movimento forte reivindicando a autonomia da Colônia, a exemplo do que acontecera com as demais colônias. Inclusive esta autonomia garantiu para elas um passo decisivo para solucionarem seus problemas e desenvolverem-se. Isto não aconteceu com Silveira Martins, não propriamente devido ao decreto imperial, mas por outras razões que podem ser detectadas em duas instâncias. A sede da Colônia foi apenas, pelo que se depende dos fatos, uma sede administrativa para demarcar e distribuir os lotes entre os imigrantes; nunca exerceu uma liderança efetiva e mais abrangente sobre o todo da Colônia. Tal situação pode ser confirmada por um fato mais recente. Na década de 60,

Silveira Martins conseguiu sua emancipação, mas na hora da instalação do novo município aconteceu o inesperado: as lideranças locais desistiram. A outra razão pode ser atribuída ao forte sentimento de rivalidade existente entre os grupos imigratórios. Uma rivalidade que chegou aqui com a bagagem de viagem. Suas raízes remontam aos locais de origem. Cada grupo identificava-se com seu local de origem, que era o motivo dos confrontos existentes entre os moradores lá na Itália. A manifestação destes sentimentos rivais concretizou-se de maneira clara quando da escolha dos locais para a construção da capela, na escolha do Santo Padroeiro e na fixação das sedes paroquiais. Como a vida religiosa era o centro polarizador dos imigrantes, a harmonia neste setor seria fundamental para outras articulações comunitárias.

Outro caminho viável para a superação da divisão consistiria em fazer emergir três núcleos aglutinadores, em cada parte, capazes de articular as forças para possíveis movimentos emancipacionistas. Isto, porém, não aconteceu. Algumas razões podem ser levantadas. A primeira e fundamental é sem dúvida o sentimento de rivalidade, aliado ao fato de que nenhum dos núcleos apresentava sinais evidentes de supremacia sobre os outros. Outro fator pode ter sido a extensão territorial não muito grande, junto ao contingente migratório limitado, o que impedia pensar-se em possíveis emancipações. Além disto a Colônia se sentia cercada por todos os lados. A área da Colônia estava devoluta, por ser de difícil acesso, mas os campos ao seu redor já estavam há mais tempo ocupados, e se situavam a sul, oeste e norte. A leste, a imigração alemã já havia ocupado toda a várzea do rio Jacuí. Os italianos sentiam-se ilhados e sitiados por todos os lados, sofrendo, com isto, influências de toda ordem. A mentalidade dos povos latinos é, em geral, aberta às outras culturas, o que facilitou a aceitação de diferentes influências, tanto dos alemães, como dos cablocos oriundos do

campo. O italiano perdeu rapidamente a pureza de suas características culturais. O sinal mais eloquente desta descaracterização dá-se pela perda da fala do dialeto, sua língua cultural. Dificilmente, hoje, encontramos alguma família que use o dialeto como a língua da comunicação familiar. Deve-se lembrar que, nas comemorações do centenário, a recuperação e exaltação do dialeto foi uma peça fundamental.

A ausência de um centro de convergência que atraísse os imigrantes sob o ponto de vista cultural, de interesses econômicos e de desenvolvimento, impediu que se constituísse um sistema viário e de transporte que interligasse toda a região. Pela observação do território dos municípios a que as três partes foram anexadas, podemos verificar que elas se situam em pontos extremos e distantes da sede municipal respectiva. Pelo que consta, ainda hoje, as administrações municipais não mostraram nenhum interesse em investir na abertura e consolidação de estradas. Ainda hoje esta região não conta com um sistema viário básico com estrada asfaltada. Ao contrário, por incrível que pareça, não há uma estrada troncal, cortando o território da antiga colônia, que tenha trafegabilidade constante. O rio Soturno com frequência e facilmente sai do leito e invade as áreas baixas, provocando alagamentos nas estradas, o que provoca a interrupção do fluxo normal de veículos.

### 7.3. O universo religioso

A área religiosa, apesar de permear todas as atividades e vida dos imigrantes, não escapou de uma série de turbulências que, relacionadas aos outros conflitos, contribuiu para aumentar a densidade da insegurança e desunião.

Esses momentos turbulentos nascem de três fon-

tes diferentes. A primeira fonte não é nova, nem exclusiva da Colônia Silveira Martins; ela chegou com os imigrantes. Trata-se das lutas entre os carbonários e o clero. A obra "Togno Brusaftratti" narra fatos acontecidos na Colônia Reiuna, hoje Veranópolis, entre os frades e os carbonários.(9) Na monografia de Norma B. Casassola sobre Dona Francisca, há referência a este tipo de incidentes(10). Os conflitos travados não ficaram apenas ao nível da palavra ou da imprensa, tentando atrair as simpatias dos colonos, mas se desenvolveram, também, em ações concretas, através de emboscadas e assassinatos. Pelos documentos históricos, as agressões físicas estiveram a cargo da iniciativa dos carbonários; o clero teria amargado várias vítimas fatais. Uma segunda origem de turbulência advém do contexto hierárquico religioso. Aqui aparece uma rivalidade incontestada entre os membros do clero religioso palotino e os membros do clero secular, um fato, diga-se de passagem, que se apresenta de maneira geral no seio da igreja católica, pelo menos naquela época. Talvez motivada por essa situação, deu-se a transferência da casa de formação da ordem dos Palotinos, de Vale Vêneto para Porto Alegre. Sonho tão acalentado pelo fundador de Vale Vêneto, Paulo Bortoluzzi, que não descansou até conseguir a volta e a construção do seminário.(11) A terceira turbulência deu-se no interior da ordem palotina. Surgiram divergências entre os religiosos de origem alemã e os de origem italiana. O grupo alemão propugnava um maior rigor de interpretação das idéias do fundador, junto com uma maior rigidez de vida religiosa. O grupo italiano era mais aberto e propunha uma maior identificação e aproximação com os fiéis. A solução aconteceu através de uma separação territorial da província.(12)

#### 7.4. A proximidade de Santa Maria

A proximidade da cidade de Santa Maria, segundo expõe Antonio Isaias, exerceu uma influência negativa na afirmação e consolidação do desenvolvimento da Colônia Silveira Martins. Santa Maria teria propiciado oportunidade para a preguiça e acomodação. Vejamos seu argumento. Caxias desenvolveu-se por que foi obrigada a fazê-lo, por um princípio de sobrevivência. Não tinha ninguém a quem recorrer. Só podia contar consigo mesma e com sua capacidade inventiva. A Colônia de Silveira Martins, na hora do aperto, buscava em Sta. Maria os recursos de primeira necessidade, desobrigando-se de inventar e fabricar. Em 1885, chega a estrada de ferro, que traz inclusive os últimos imigrantes, até a estação Colônia, distante 15 Km da sede Silveira Martins, o que torna ainda mais fácil o recurso a outros centros maiores, como Porto Alegre.

Com o correr do tempo, Santa Maria passou a exercer um outro tipo de atrativo sobre os imigrantes. Inicialmente não são propriamente os agricultores que buscam a cidade, mas os comerciantes. O comércio da região acabou sendo absorvido pela cidade grande. É comum observarmos, em grande parte dos antigos e prósperos núcleos da primeira fase da Colônia, prédios fechados, semi-ocupados, ou simplesmente abandonados, que foram no passado fortes centros comerciais. As razões podem ser múltiplas, seja da parte da cidade, seja da parte da Colônia. O tema será abordado em outro trabalho mais extenso. O mesmo atrativo, o que se torna estranho, não aconteceu em relação às poucas indústrias existentes, especialmente no setor da metalurgia, que preferiram fechar suas portas, ou reduzir-se a pequenas proporções. O setor moageiro, em parte, acabou preferindo o centro maior. Tudo isto somado foi lentamente cavando a estagnação e a decadência de uma colonização que tinha todas as condições de apre-

sentar o mesmo nível de crescimento das demais colonizações.

#### 7.5. O Ensino

Os primeiros tempos da Colônia viram florescer um grande centro estudantil num de seus primeiros núcleos, Vale Vêneto. Duas grandes escolas, uma para o sexo masculino, outra para o sexo feminino, com seus internatos, constituíram a base para uma vida estudantil intensa. O ensino era de alto padrão. Seu modelo era europeu. Nestas escolas, as duas ordens religiosas que as dirigiam formavam seus quadros, mas abriam, ao mesmo tempo, suas portas a todos indistintamente. Infelizmente, para quem não se destinasse à vida religiosa era um ensino, até certo ponto, inadequado, particularmente para os filhos dos colonos. Quem frequentava as escolas sabia que recebia uma boa fundamentação educativa humanística, mas que, para suas lides agrícolas, pouco significava. Caso quisesse aproveitar seus conhecimentos de maneira mais efetiva, havia apenas dois caminhos. O primeiro, ingressar na vida religiosa; o segundo, partir para um centro maior, onde pudesse continuar seus estudos ou arrumar algum emprego burocrático.

Em nenhum momento surge na Colônia um movimento para se estabelecer uma escola que ministrasse um ensino voltado para os interesses da lavoura. Este espaço ainda está em aberto. Um dia, os órgãos competentes, quem sabe entre eles a Universidade Federal de Santa Maria, talvez voltem seus olhares ao redor de si e elaborem projetos que recuperem a área da antiga Colônia de Silveira Martins. Hoje, entristece a todo viandante atento o despovoamento da região, a estagnação das vilas e a precária e inadequada utilização da terra. O descendente do imigrante italiano, no desempenho, hoje, de funções adminis-

---

trativas nas esferas municipal, estadual e federal, precisa voltar ao recanto sagrado e nostálgico, onde seus avós ou bisavós transplantaram e cultivaram sonhos de fartura e prosperidade, não são para recuperar o passado histórico, mas principalmente para reativar o projeto de desenvolvimento que o destino reservou para esta região. Os ecos centenários do Sino precisam reacender a mesma ambição, os mesmos sonhos e a mesma fé dos imortais pioneiros. Vale Vêneto, monumento do passado e grito do presente está conclamando a todos para a retomada do desenvolvimento e da grandeza da ex-Colônia de Silveira Martins.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. "A RAZÃO". Jornal. Edição especial. Sta. Maria. 1975.
2. BERTOLDO, Pe. Aquiles L. Jubileu de Nova Palma. Tip. Patronato, Sta. Maria. 1944.
3. BUSANELLO, Pe. Pio José. A História de Nossa Gente. Ed. Palotti. Sta. Maria. 1952.
4. CASASSOLA, Norma Bernadeta. Dona Francisca, Sua Terra Sua Gente. Impresso. Dona Francisca. 1983.
5. CASASSOLA, Norma. Op. Cit. pg. 25.
6. CESCA, Olivo. Faxinal do Soturno, Sua Terra e sua Gente. Ed. Rainha. Sta. Maria. 1975.
7. Informações Palotinas. Revista. Edição Histórica. Sta. Maria. 1973. pg. 5.
8. Informações Palotinas. pg. 13.
9. Idem pg. 9.
10. LIBERALLI, Mons. Ricardo. Togno Brusafretti. Ed. S. Miguel. Caxias do Sul.
11. LORENZONI, Júlio. Memórias de um Imigrante Italiano. Sulina. Porto Alegre. 1975.
12. PETRONE, Maria Tereza Schorer. O Imigrante e a Pequena Propriedade. Brasiliense. S. Paulo. 1980. pg. 52.